

A Representação Expressa do Sujeito Pronominal nas Sentenças de Tópico do PB

The Expressed Representation of Pronominal Subject in PB Topic-Comment Sentences

Edila Vianna da Silva*
Karoline Silva Angelici**

RESUMO

Este artigo objetiva analisar a ocorrência do sujeito pronominal nas sentenças de tópico-comentário do PB, a partir de *corpus* de língua oral. Considerando a frequência com que essas estruturas figuram na variante brasileira e o fato de que há entre as línguas de tópico e o português muitas características comuns, estabeleceremos uma relação entre sentenças de tópico e representação expressa do sujeito pronominal, pressupondo a necessidade discursiva do preenchimento do sujeito nessas estruturas, bem como o contexto em que esse preenchimento não é necessário. O estudo foi realizado com base em uma análise qualitativa do *corpus* selecionado, que confirmou a hipótese inicial de que, mesmo em casos em que o sujeito pronominal pode ser elipsado, o falante, na maioria das vezes, opta pelo seu preenchimento, o que aponta a presença, cada vez mais frequente, do sujeito pronominal expresso no PB.

Palavras-Chave: Sujeito expresso; sujeito pronominal; tópico.

ABSTRACT

This article analyzes the occurrence of pronominal subject in topic-comment sentences in Brazilian Portuguese, from an oral language *corpus*. Considering the frequency with which these structures appear in the Brazilian variant and the fact that there are many common characteristics between topic languages and Portuguese, we will establish a relationship between topic sentences and the expressed representation of pronominal subject, taking into account the discursive need to fill the subject in these structures, as well as the context in which this filling is not necessary. The study was carried out based on a qualitative analysis of the selected corpus, which confirmed the initial hypothesis that, even in cases in which the pronominal subject can be elliptical, the speaker, in most cases, chooses to complete it, which points to the presence, more and more frequent, of the pronominal subject expressed in the BP.

Keywords: Expressed subject; pronominal subject; topic.

Recebido em 11 de fevereiro de 2020.

Aceito em 18 de abril de 2020.

DOI: 10.18364/rc.v1i59.368

* Universidade Federal Fluminense, edilavianna@gmail.com, orcid.org/0000-0001-6704-9990

** Universidade Federal Fluminense, kahangelici@gmail.com, orcid.org/0000-0002-1953-2344

Introdução

A supressão do pronome sujeito nos casos em que a desinência verbal traz a marca de pessoa é recomendação das gramáticas normativas e dos manuais de redação; contudo, é crescente a tendência do português brasileiro de preenchimento do sujeito pronominal, fato que tem sido analisado por diversos estudiosos da língua. Sobre essa tendência, Azeredo revela que “o português do Brasil, mesmo em sua variedade culta, está dando ampla preferência ao resgate do sujeito ao contrário do que se passa em Portugal” (2018, p. 590).

Sabemos que, por conta do monitoramento a que a modalidade escrita da língua está submetida, as ocorrências de sujeito pronominal expresso – sobretudo nos casos em que a desinência do verbo indica, de maneira não problemática, a marcação de pessoa – são mais frequentes na modalidade oral da língua.

Tendo em vista a modalidade menos monitorada, deparamo-nos com sentenças de tópico-comentário que, consoante à tendência de representação pronominal do sujeito, têm sido cada vez mais presentes na linguagem culta. Tão grande é a frequência com que essas estruturas figuram na língua que obras como a de Eunice Pontes (1987) são dedicadas ao exame do tópico no PB.

De acordo com Pontes (1987), “Li e Thompson (1976) propõem uma nova tipologia das línguas conforme nelas predominem relações de tópico-comentário ou de sujeito-predicado” (p. 11). Acreditamos que, diante da tipologia proposta pelos autores, o português se situa entre as línguas com proeminência de tópico e de sujeito, uma vez que ambas as construções são abundantes na língua espontânea.

Considerando que essas estruturas coexistem na língua, objetivamos estabelecer um paralelo entre as sentenças de tópico-comentário e a incidência de sujeito pronominal expresso, com base na observação de dados de língua oral provenientes do projeto NURC-RJ, que irão compor o *corpus* deste trabalho.

1. As estruturas de tópico no PB

A língua portuguesa sempre esteve situada entre as línguas com proeminência de sujeito, no entanto sabemos da primazia da língua escrita em relação à oral no que diz respeito aos fenômenos linguísticos focalizados pela tradição gramatical.

Nos últimos tempos, contudo, graças a estudos modernos, dentre os quais o de Eunice Pontes (1987), a língua tem sido estudada com ênfase na modalidade oral, o que tem facilitado o tratamento e a compreensão de muitas ocorrências linguísticas das quais não se ocupava a descrição gramatical.

Para não sermos injustos, ressaltaremos que a tradição gramatical já prevê as estruturas em que o sujeito e o tópico não coincidem e as nomeia *anacoluto*. Vejamos o que Evanildo

Bechara, em *Moderna Gramática Portuguesa*, nos diz acerca do assunto: “É a quebra da estruturação lógica da oração” (2001, p. 595).

Bechara nos lembra a lição de Said Ali sobre tais estruturas:

Resulta esta anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as ideias se sucedem rápidas e tumultuárias. É a precipitação de começar a dizer alguma coisa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega diretamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se a pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-se saída em outra direção. O anacoluto, fora de certas situações especiais, é evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente a língua. Coloca-se entre as construções anacolúticas o começar o enunciado por um termo não preposicionado e depois recuperá-lo na sua função própria, como que desprezando o inicial (SAID ALI, *apud* BECHARA, 2001, p. 595).

Tendo em vista a explanação de Said Ali, devemos ressaltar que a gramática tradicional diferencia, ainda, o anacoluto vicioso, resultante de uma quebra do raciocínio lógico, do virtuoso, construção que figura na literatura com fins estilísticos. Atualmente, no entanto, essas construções, típicas do uso pragmático da língua, são tratadas numa perspectiva discursiva, que as renomeou como estruturas de tópico e comentário.

Apesar de serem muitos os desdobramentos da estigmatização das sentenças anacolúticas, sobretudo se pensarmos numa perspectiva de ensino da língua, para fins de análise, neste trabalho, o que nos interessa como objeto de estudo é a relação entre essa suposta “quebra da estruturação lógica da oração”, atualmente entendida como sentença de tópico-comentário, e o preenchimento do sujeito pronominal.

Sabemos da tendência do português brasileiro em permitir cada vez mais o uso dessas construções, visto que partilha com as línguas de tópico a maioria de suas características. Dessa forma, faz-se necessário, como ponto de partida, delimitar as fronteiras entre a sintaxe e o discurso, demarcando as características e o limite entre o sujeito e o tópico.

Nesse sentido, Castilho, em sua *Nova Gramática do Português Brasileiro*, esclarece que “linguistas e gramáticos têm tido dificuldades em analisar expressões que exemplificam categorias discursivas e categorias gramaticais ao mesmo tempo” (2010, p. 281). O autor ressalta, ainda, o esforço em se tratar separadamente as expressões de tópico e de sujeito, o que leva a duas vertentes interpretativas. A primeira entende que as categorias discursivas derivam das categorias gramaticais e a segunda entende que são as categorias gramaticais que derivam de categorias discursivas.

Assim, o tópico seria uma discursivização do sujeito ou seria o sujeito uma sintaticização do tópico? Givón (*apud* Castilho 2010) escolheu a segunda opção, compreendendo que o sujeito sentencial é um tópico gramaticalizado. “Com isso, a noção sintático-gramatical de sujeito

deriva na noção discursivo-funcional de tópico” (2010, p. 281). O discurso seria, então, para Givón, uma sorte de sintaxe pouco ligada, caracterizada pela frouxidão entre as palavras e típica do modo pragmático e da modalidade oral da língua.

Como nosso trabalho focaliza a modalidade oral, nossa análise parte do tópico para o sujeito, tendo em vista a interface entre duas formas de estruturação do português brasileiro: sentenças de tópico e preenchimento do sujeito pronominal. Com isso, objetivamos explicitar a relação entre os dois fenômenos, isto é, de que maneira a ocorrência de um favorece a ocorrência do outro.

Para isso, interessa-nos, em princípio, compreender a noção de tópico, o que nos leva obrigatoriamente a considerar em nossa análise os planos discursivo, semântico e gramatical. De acordo com Castilho, “no discurso, o tópico é o assunto, o tema, à volta do qual giram as intervenções. Na gramática, [...] é um constituinte localizado fora da fronteira sentencial, funcionando como uma ponte estendida entre o texto e a sentença, vale dizer, entre o discurso e a gramática” (2010, p. 232).

A explanação acima transcrita esclarece o conceito de tópico do ponto de vista discursivo. De fato, o tópico cria no discurso um quadro de referência que localiza e introduz o assunto a ser posto em pauta. Em português, assim como nas línguas de proeminência de tópico, o controle de correferência é do tópico e não do sujeito.

Segundo Li e Thompson (*apud* Pontes, 1987), no exemplo “aquela árvore (tópico), as folhas são grandes, por isso eu não gosto (dela)” (p.22), tradução do mandarim, “o objeto elidido só pode ser entendido como referindo-se ao tópico (árvore) e não ao sujeito (folhas)”.

Do ponto de vista semântico, o tópico é a informação velha, já partilhada entre falante e ouvinte, utilizada discursivamente como referência para que, então, a informação nova, desconhecida pelo ouvinte, seja introduzida.

Gramaticalmente, Castilho (2010) afirma que “temos aí desde sintagmas nominais anacolútics, ou seja, fragmentos soltos, sem conectividade sintática com o resto, até sintagmas nominais que funcionam como constituintes sentenciais deslocados para a esquerda” (p. 279).

O que Castilho denomina anacoluto, seguindo a tradição gramatical, é o que temos tratado até aqui como tópico; no entanto, o autor parece não fazer distinção entre tópico e deslocamento à esquerda, além disso, não faz menção, ao menos nesta seção, às sentenças prototípicas em que há confluência entre os planos sintático, semântico e discursivo, ou seja, em que o sujeito é tópico e também agente do processo verbal.

Ao examinar as sentenças de tópico-comentário, julgamos relevante fazer distinção entre elas e as estruturas em que há deslocamento à esquerda. Poder-se-ia dizer, *grosso modo*, que todo deslocamento à esquerda ocasiona uma topicalização, no entanto o contrário não se aplica. Ao deslocar um dos componentes da estrutura SVO, trazendo-o ao início da sentença, o termo

deslocado certamente passa a figurar como o tópico sentencial; o membro deslocado, contudo, continua a exercer função sintática na sentença da qual faz parte, ao passo que, nas estruturas de tópico/comentário, o tópico não exerce função sintática na oração por ele introduzida e a estrutura que se segue é uma perfeita estrutura de SVO.

Há casos, porém, em que essa distinção não é tão fácil. Pontes trata da dificuldade de se distinguir o tópico do deslocamento à esquerda no português com base em sentenças do tipo “meu cabelo dessa vez eu não gostei nem um pouco (dele)” (1987, p. 66).

Na sentença acima, o uso ou não do pronome cópia é fundamental à análise do sintagma “meu cabelo” como deslocamento à esquerda ou como tópico. Nesses casos, se elidido o pronome cópia, considera-se que há o deslocamento à esquerda, uma vez que o verbo *gostar* é transitivo e exige, portanto, complemento. Caso o pronome cópia seja empregado, o sintagma “meu cabelo” pode ser entendido como tópico, visto que o complemento do verbo *gostar* passa a ser o pronome correferente do tópico.

É importante ressaltar que Pontes aponta esses casos como problemáticos e afirma que não é seguro tomar o emprego ou a supressão do pronome cópia como critério para considerar essas estruturas distintas.

De fato, tomar como base o emprego do pronome cópia no que diz respeito ao exame e ao enquadramento das sentenças como modelos de tópico ou de deslocamento à esquerda pode não ser muito produtivo. Tal metodologia tornaria a análise de algumas sentenças ainda mais problemática.

Em “A Sarinha está nascendo os dentes” (1987, p. 35), por exemplo, incorre-se também na confusão entre os planos semântico e sintático, ao se afirmar que sentenças ergativas¹ misturam tópico com sujeito. Especificamente sobre essa sentença, a autora afirma que “como o tópico está na posição do sujeito [...] e o ‘sujeito’ está na posição de objeto, confunde-se essa frase com as estruturas de SVO, e a concordância passa a se fazer com o tópico sujeito” (1987, p.37).

Se levarmos em conta, ainda, como critério de análise a supressão do pronome cópia “dela”, que poderia ser empregado ao final da sentença, teríamos de enquadrar essa estrutura como sendo de deslocamento à esquerda, e não como de tópico.

Mesmo abrindo mão desse critério, esbarramos em outro problema, de ordem semântica: nosso conhecimento nos diz que quem “está nascendo” são os dentes, e não Sarinha: no entanto, do ponto de vista sintático, há, na sentença acima, uma perfeita estrutura de SVO.

1 Segundo Castilho (2010: 331), “o termo *ergativo* vem do grego *ergázoimai*, “causar”, “produzir”, “criar” (Lyons, 1977/1984: 372). Salvi (1988: 47 e ss.) e outros tratadistas definem o verbo ergativo, causativo ou inacusativo como “os verbos intransitivos que têm o correspondente transitivo tal que o complemento objeto do verbo transitivo corresponde ao sujeito do verbo intransitivo”. São ergativas as sentenças cujos verbos alinham-se à descrição dada por Castilho (2010) e atribuem papel de paciente ao sujeito.

O que acontece nesses casos é que há uma estrutura em que o sujeito gramatical é diferente do termo a que o verbo atribuiu papel temático, ou seja, há um descolamento dos planos sintático e semântico. Como a concordância se dá no plano sintático, o verbo concorda com o sujeito gramatical, embora, no caso acima, o paciente do processo verbal seja o sintagma nominal que ocupa a posição de objeto direto.

Tal confusão entre os planos sintático e semântico é vista novamente na abordagem de Eunice Pontes acerca das construções ergativas, desta vez em *Sujeito: da Sintaxe ao Discurso* (1986). Vejamos, então, a análise da autora em relação à sentença 4 “Esse rádio estragou o ponteiro”:

Vê-se que *esse rádio* é o tópico, porque está no início da S, e por causa da relação entre esse SN e o resto da sentença, que é um comentário sobre o tópico. Sabemos também que *esse rádio* não tem, em relação a *estragou*, a mesma relação que teria, por exemplo, Pedro na S 5: Pedro estragou o rádio. Em 5, Pedro é a pessoa que praticou a ação de estragar e o *rádio* é o paciente ou o alvo da ação de Pedro. Tentando analisar esta S, lembramos que se pode dizer, em português também, 6 e 7: 6. O ponteiro desse rádio estragou; 7. Estragou o ponteiro desse rádio. Considerando-se, então, que em 4 *esse rádio* é o tópico, somos levados a pensar que temos em seguida uma construção do tipo inversão do sujeito, ou seja, o ponteiro é o sujeito posposto de *estragou*, como em 7, estando o verbo estragar intransitivo. (PONTES, 1986, p. 17)

Apesar de reconhecer que há uma estrutura de tópico na sentença 4, Pontes mais uma vez mistura critérios sintáticos e semânticos em sua análise ao sugerir a presença de um sujeito posposto. O que a autora intitula sujeito posposto é, na verdade, o agente da ação. Na sentença 4, estamos novamente diante de uma perfeita estrutura de SVO na qual o sujeito e o agente não coincidem.

Semelhantemente ao que ocorre nas línguas de tópico, na língua portuguesa qualquer sintagma pode ser topicalizado; assim, construções como “esse rádio estragou o ponteiro” são uma realidade na língua e resultam da topicalização do que seria na estrutura ergativa o adjunto adnominal do sintagma nominal em função de sujeito – o ponteiro desse rádio estragou, estrutura ergativa; esse rádio estragou o ponteiro, topicalização do adjunto adnominal.

Esse processo é análogo ao que Nascimento explora em sua dissertação de mestrado a partir de sentenças como “esse elevador cabe dez pessoas” ou “o meu computador queimou a fonte” (2011, p. 272). Nascimento explica que nessas estruturas há uma ação de topicalização cujo objetivo é alçar adjuntos a SNs sujeitos. Por não poder ser o sujeito um SP, a perda da preposição é uma adequação ao alçamento de adjuntos a sujeitos e, é claro, não se pode negar a interface entre esse processo de alternância locativa e a ergativização. Nesses casos, há um processo inverso ao de gramaticalização, os sintagmas alçados à posição de sujeito adquirem traços mais lexicais, o que resulta na perda da preposição.

São muitos os desdobramentos do exame das sentenças de tópico; por vezes, como vimos, não é fácil distinguir tópico do deslocamento à esquerda. Para fins de análise neste trabalho, entretanto, não nos ateremos a essas discussões e tomaremos como tópicos os sintagmas que servirem como quadro de referência na estruturação da sentença.

2. O sujeito pronominal expresso x não expresso

As propriedades exibidas pelo português brasileiro, considerando-se o modelo gerativista que estabelece Princípios e Parâmetros, o enquadram no rol das línguas que ostentam valor positivo no parâmetro de sujeito nulo.

O português contemporâneo, contudo, apresenta um aumento progressivo de estruturas em que há preenchimento da posição de sujeito, fenômeno amplamente estudado por Duarte (1995) em sua tese de doutorado, na qual conclui:

em consequência das sucessivas contribuições que o Parâmetro veio (e vem) recebendo, passou a ser questionado o estatuto da categoria vazia sujeito, dependendo dos mecanismos envolvidos na sua identificação, se pro se variável (v. Figueiredo Silva, 1994, para uma revisão comentada sobre os passos mais significativos desse percurso). No caso do Português do Brasil (doravante PB), particularmente a variedade falada na região sudeste, a questão parece diversa da descrita para outras línguas. Passamos por um período de mudanças profundas no que diz respeito ao licenciamento e a identificação do sujeito nulo de referência definida paralelamente à redução ocorrida no quadro pronominal, que provocou uma simplificação no nosso paradigma flexional. Embora não se possa dizer que perdemos a possibilidade de omitir o sujeito, observa-se clara preferência pelo uso da forma pronominal plena (DUARTE, 1995, p. 3-4).²

O fato é que à língua portuguesa foi atribuído o status [+ sujeito nulo], com base em comparações estabelecidas com línguas como o inglês, em que há preenchimento de sujeito mesmo nas sentenças cujo verbo é impessoal. Na língua inglesa, sentenças em que o sujeito não é preenchido são agramaticais, uma vez que violam o valor negativo do parâmetro do sujeito nulo determinado pela gramática do inglês. É por conta dessa necessidade de preenchimento do sujeito que se justifica o pronome expletivo *it*, que, apesar de ser vazio de conteúdo semântico (nos casos em que o verbo é impessoal), ocupa no eixo sintático a posição reservada ao sujeito.

A noção chomskiana de parâmetro do sujeito nulo, entretanto, tem sido reformulada; com isso, novas hipóteses vêm sendo levantadas no que respeita ao licenciamento e à identificação do sujeito nulo. Duarte ressalta que “originalmente, [...] a propriedade de o sujeito não ser foneticamente realizado estaria ligada à ‘rica’ especificação morfológica da concordância verbal”

2 “pro-drop” – redução do termo em inglês *pronoun-dropping*, que significa “supressão de pronome”. Por extensão, são classificadas como línguas “pro-drop”, as que permitem anáfora zero.

(1995, p. 2). Tal afirmação corrobora a ideia de que a redução do paradigma flexional do PB está diretamente relacionada ao gradativo aumento de sentenças de sujeito pronominal expreso.

Sabemos que a variedade brasileira do português contemporâneo, sobretudo na modalidade menos monitorada da língua, tem apresentado redução em seu paradigma flexional por conta da neutralização das formas verbais atribuídas à segunda e à terceira pessoas do singular e à primeira do plural.

É válido destacar que Duarte (1995) chama atenção para o fato de que as formas “nós” e “a gente” coexistem na língua contemporânea, o que leva, ainda, à ocorrência da desinência número pessoal “-mos” nas formas verbais de primeira pessoa do plural, não mencionadas acima por estarmos privilegiando as ocorrências mais típicas da linguagem oral.

Fato que nos interessa também como exemplar da evolução da língua no que respeita à tendência ao preenchimento do sujeito pronominal expreso é o uso de “você” genérico, estrutura bastante frequente no PB atual e que o aproxima de línguas cujo parâmetro do sujeito nulo é negativo. Subjazem estruturas do tipo “você é o que você come”, um processo de gramaticalização do pronome “você” justificado pelo sentido indeterminado com que é empregado. Com isso, fica evidente que o PB caminha contrariamente à tendência de não marcação do pronome sujeito.

Em face do que foi exposto até aqui, parece-nos pouco produtivo render ainda mais as discussões que comprovem o gradativo aumento das sentenças de sujeito pronominal expreso; necessitamos, contudo, de esclarecer o fenômeno em si. Conforme atesta Duarte,

A alternância entre pronomes plenos e nulos [...] não é definitivamente uma característica de línguas pro-drop. Tanto Calabrese (1986) como Fernandes Soriano (1989) chamam a atenção para a existência de uma complementaridade entre sujeitos pronominais nulos e expressos em italiano e espanhol, respectivamente. Segundo Calabrese, o sujeito nulo é obrigatório quando o referente é esperado; o uso de um pronome pleno (tônico) em tal caso implica uma referência disjunta ou a inaceitabilidade da sentença, como mostra (37) (os exemplos de (37) a (42) foram extraídos do texto citado): (37) a. Quando Carlo ha pichiato Antonio pro/ lui era ubriaco. b. Mario si é spaventato dopo che pro, lui ha visto quel film. c. Dopo che pro, lui ha visto quel film, Mario, si é spaventato. Da mesma forma, um pronome tônico não pode preceder seu antecedente em encaixadas adverbiais, como em (38): (38) Quando pro,!”lui, lavora, Gianni i non beve. Se, no entanto, a encaixada não for uma adverbial, o pronome tônico pode preceder seu antecedente sem causar inaceitabilidade: (39) Le persone che lui, ha aiutato sono convinte che Giannii è una buona persona. O que torna um referente esperado, e, portanto, disponível para identificar o pronome nulo de Lima matriz ou encaixada, é, para o autor, o fato de ele ser o Tema (ou sujeito) de uma predicação, como se constata pelos exemplos acima (DUARTE, 1995, p. 23)³.

3 37 (a): “Quando Carlo bateu em Antonio, ele estava bêbado”; (b) “Marco se assustou quando ele viu o filme”; (c) “Depois que ele viu o filme, Mario ficou assustado”. 38 “Quando ele trabalha, Gianni não bebe”. 39 “As pessoas que ele ajudou estão convencidas de que Gianni é uma boa pessoa”. (Nossa tradução)

Os autores citados por Duarte revelam a não coexistência, nas línguas *pro-drop* – línguas que permitem anáfora zero, isto é, supressão do pronome sujeito – de estruturas de sujeito nulo e expresso. Nas línguas que integram esse grupo, o sujeito nulo é obrigatório, exceto nos casos em que haja comprometimento do sentido ou preferência pela leitura disjunta. O que determina a aceitabilidade de cada uma dessas estruturas sentenciais, segundo os autores, portanto, é de ordem discursiva e diz respeito ao referente. Com isso, o pronome pleno em sentenças em que o referente é conhecido e esperado as torna inaceitáveis.

Os exemplos supracitados, extraídos da língua italiana, revelam-nos que o PB se distancia cada vez mais das línguas *pro-drop*, visto que há tendência de realização do sujeito pronominal mesmo quando o referente é conhecido e esperado. Prova essa afirmativa a ocorrência de sujeito pronominal expresso em sentenças cujo referente se materializa em sujeito ou tópico, criando um quadro de referência que nos possibilita a posterior omissão do pronome sujeito.

Conforme Duarte (1995, p. 44) “as construções com duplicação do sujeito conhecidas como deslocamento à esquerda [...] são construções atípicas em línguas do grupo *pro-drop*, [...] seu exame é fundamental para a confirmação da hipótese de que estamos de fato nos afastando do grupo das línguas *pro-drop*”. Cabe ressaltar que o que Duarte denomina deslocamento à esquerda, nesse momento de sua pesquisa, são sentenças do tipo “eu acho que os militares na época eles foram muito hábeis em esconder as coisas” (DUARTE, 1995, p. 45).

É interessante notar que as sentenças de tópico comentário criam um quadro de referência, mesmo assim, o sujeito da sentença SVO que o segue é comumente expresso e, ainda, obrigatório nos casos em que há identidade de referentes como em “a linguística, ela é a ciência que se ocupa da linguagem”.

Há que se considerarem também sentenças como “Meu cabelo desta vez eu não gostei nem um pouco” (PONTES, 1987, p. 66), em que o sintagma “meu cabelo”, em função de tópico, dá conta de expressar o referente por meio do pronome possessivo de primeira pessoa, o que é também reforçado pela desinência do verbo. Mesmo assim, o falante marca a posição do sujeito com um pronome expresso que, em tese, não é necessário.

Ambos os exemplos põem em xeque a ideia de que a alternância entre o sujeito pleno e nulo se deve à presença ou ausência de um referente. A obrigatoriedade do emprego do sujeito nulo em estruturas de referente explícito não se aplica a todos os casos e parece ser mais bem-sucedida em sentenças SVC prototípicas em que sujeito e tópico coincidem. Apesar disso, mesmo nesses casos, conforme aponta Duarte (1995), o princípio *evite pronome* está perdendo a força no PB.

A autora argumenta a favor da perda da obrigatoriedade do sujeito nulo no PB. De acordo com ela,

os dois trechos deixam claro, apesar do uso do termo opção, que o sujeito nulo não é uma opção, mas uma obrigação nas línguas românicas do grupo *prodrop*; a opção parece ficar por conta

do uso pronome pleno quando a interpretação estiver comprometida. O que foi brevemente exposto no capítulo anterior confirma essa complementaridade entre sujeitos nulos e plenos no espanhol e no italiano, e, exceto pelas relativas, no português europeu. No caso do PB, vemos que, se não desapareceu, o sujeito nulo já não se encontra em distribuição complementar com o pronome pleno. Ele é antes uma opção que se realiza cada vez menos em favor deste, cuja ocorrência, em momento algum, compromete a aceitabilidade de uma sentença. Este é o ponto principal em que se sustentará este trabalho: o português do Brasil perdeu o Princípio “Evite Pronome” e caminha, em consequência dessa perda, na direção das línguas não-pro-drop (DUARTE, 1995, p. 29).

Em primeira instância, ressaltaremos que, subjacente ao princípio do “Evite Pronome”, está a seguinte consideração vista em Chomsky (*apud* Duarte): “(The principle) might be regarded as a subcase of conversational principle of not saying more than is required [...] there is some reason to believe that it functions as a principle of grammar” (1995, p. 29)⁴.

Tal afirmação nos leva a uma dupla encruzilhada no que se refere às estruturas de tópico-comentário. Se tomarmos o princípio da Economia Linguística como fator de contenção, racionamento das formas da língua empregadas na estruturação sentencial, teremos nas sentenças de tópico-comentário estruturas que contradizem esse princípio, uma vez que elas apresentam mais elementos que as estruturas SVC.

Por outro lado, se levarmos em conta o princípio da Economia Linguística no que se refere à gestão dos recursos da língua, considerando que, nesse caso, nem sempre menos é mais, teremos um desafio pela frente: estabelecer o valor do tópico na estruturação sentencial, isto é, esclarecer os porquês e o efeito de se optar por uma estrutura menos enxuta do ponto de vista da forma.

Se tomarmos como base a ideia de que quanto maior a forma, de modo geral, maior a informatividade, esbarraremos na questão que circunda as estruturas de tópico: o seu teor discursivo. É justamente no discurso que se justifica a opção do falante por essas estruturas.

Traçando a linha de raciocínio explicitada em Givón (*apud* CASTILHO, 2010) – apresentada no primeiro capítulo deste trabalho –, nosso enfoque dar-se-á da gramática para o discurso, de modo que o tópico seja analisado como uma discursivização do sujeito. Assim, essas estruturas se justificam, em termos de Economia Linguística, como *gestão* da língua, pelo efeito que geram na comunicação, ao estabelecer uma ponte entre falante e ouvinte na introdução de uma informação velha, consabida, para que, então, a informação nova seja introduzida, além de estabelecer o assunto a ser posto em pauta na conversação.

4 “O princípio deve ser considerado como um subcaso do princípio conversacional de não dizer mais do que é necessário. Há alguma razão para acreditar que ele age como um princípio da gramática” (tradução nossa).

No que concerne ao sujeito pronominal expresso, o que percebemos no PB é a perda da característica das línguas *pro-drop* no que respeita à complementaridade do sujeito nulo e pleno. Ambos são atualmente intercambiáveis, sendo a ocorrência deste mais frequente do que daquele.

A perda dessa característica comum às línguas românicas, contudo, ao afastá-lo das línguas *pro-drop*, não o insere nas línguas cujo parâmetro do sujeito nulo é negativo, como o inglês. Contemporaneamente, o PB se situa numa posição medial em relação ao parâmetro do sujeito, uma vez que, embora cada vez menos frequente, estruturas do tipo “comi muito ontem” são possíveis e aceitáveis na língua.

Por conta disso, Buthers e Duarte (2012) discutem a ideia de que o PB seja atualmente uma língua de sujeito nulo parcial. A favor dessa noção, além do argumento supracitado, teríamos, ainda, a explanação dos autores acerca do preenchimento da posição de sujeito com um pronome, mesmo em contextos em que há morfemas de primeira pessoa. Os autores revelam que estruturas cujo verbo é de terceira pessoa são mais resistentes à pronominalização de um expletivo lexical, ao passo que estruturas de verbo na primeira pessoa, forma verbal cujo referente é marcado pela desinência, são as que mais apresentam sujeito pronominal expresso.

Segundo os autores, isso prova que a “Agr [*agreement*, concordância] não é realmente um fator preponderante no acionamento do sujeito nulo” (BUTHERS; DUARTE, 2012, p. 82). Agr, nesse caso, refere-se à força dos morfemas no que respeita à identificação de pessoa. “Em suma, essa operação sintática pode ser vista como sendo o reflexo da mudança paramétrica em curso no PB” (BUTHERS; DUARTE, 2012, p. 83).

Assim, entendemos que o PB, de fato, se apresenta atualmente como uma língua de sujeito nulo parcial, visto que, apesar de ter perdido o princípio “Evite pronome”, ainda não conta com a obrigatoriedade do preenchimento do sujeito em estruturas de verbos impessoais por meio de pronome expletivo, característica das línguas [- sujeito nulo], como o inglês.

Apesar de serem muitos os desdobramentos e as possibilidades de análise que se possa levar em conta num estudo que busca determinar a natureza das ocorrências de sujeito pronominal expresso no PB, neste trabalho focalizaremos a ocorrência de sujeito pronominal expresso x não expresso nas estruturas de tópico-comentário.

As hipóteses que norteiam nossos estudos são: (1) nos casos em que o tópico e o sujeito apresentam o mesmo referente, é necessário o preenchimento do sujeito da estrutura SVC que se segue ao tópico, uma vez que a marcação do sujeito por meio de pronome revelará a coincidência entre o referente da estrutura SVC e o tópico. Além disso, o preenchimento do sujeito garante que haja, de fato, uma estrutura de tópico-comentário, visto que, elipsado o sujeito, nesses casos, teríamos apenas uma estrutura SVC.

(2) Nas sentenças em que o sujeito e o tópico não coincidem, contudo, é possível que o sujeito não seja expresso; entretanto há no PB, conforme explicitado até aqui, o uso cada vez

mais frequente de estruturas em que a posição de sujeito é preenchida por um pronome, o que possivelmente se manifestará do mesmo modo nas estruturas de tópico-comentário.

(3) As sentenças de tópico que contam com estruturas que têm como função circunscrever o tema, do tipo “quanto a .../ em relação a” – típicas da linguagem escrita, mas que podem também figurar na linguagem oral culta mais formal – são mais propensas ao não preenchimento do sujeito, independentemente de se ter o mesmo referente do tópico ou não, sobretudo por serem características da modalidade mais monitorada da língua, o que contribui para a manutenção do princípio “Evite Pronome”, que se justifica pelo peso da tradição gramatical escolar.

Apesar de levantadas as hipóteses, como todo trabalho de sociolinguística, partiremos do fato em si, isto é, da análise do *corpus* para, então, chegarmos a conclusões mais concretas do fenômeno no PB.

Não nos interessa aqui demonstrar a variação, fato inerente à língua, visto que muitos estudiosos, tais como Duarte (1995) e Silva (2001), já se ocuparam de tratar da variação do preenchimento do sujeito, bem como a trajetória do PB que aponta para mudança no que respeita ao parâmetro do sujeito nulo.

Cabe a esta pesquisa, portanto, dado o grau de estabilidade do fenômeno analisado, explicitar o contexto linguístico que favorece ou inibe a ocorrência do sujeito expresso ou não expresso em estruturas de tópico comentário.

Buscaremos explicitar, por meio de amostragem, os fatores que levam à ocorrência do sujeito pronominal expresso em estruturas de tópico-comentário. Para isso, serão analisadas sentenças presentes nos textos do projeto NURC-RJ, acervo on-line que constitui referência nacional para estudos que focalizam a modalidade oral da variante culta do PB urbano.

O material, disponível no site da pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, é composto de entrevistas gravadas nas décadas de 1970 e 1990. Todos os entrevistados têm nível superior completo, são nascidos no Rio de Janeiro e, preferencialmente, são filhos de pais cariocas.

A escolha do *corpus* de língua oral culta se justifica pelo fato de que toda variação linguística se dá verticalmente, ou seja, é notada primeiro nos textos dos falantes cujo grau de escolaridade é menor, e, se aceita, passa a figurar na linguagem dos falantes cultos.

Assim, ao analisar a ocorrência de sujeito expresso x não expresso em sentenças de tópico-comentário, estamos reafirmando que a estrutura analisada já é consagrada na língua, de modo que pode ser encontrada em textos típicos da fala urbana culta.

3. Análise do *corpus*

Foram analisados cinco inquéritos, todos registrados na década de 70, acerca de temas variados tais como casa, alimentação, cidade e comércio. Os informantes são do sexo

masculino e feminino e suas idades variam entre 25 e 67 anos. Dos textos analisados, foram coletadas algumas sentenças de tópico-comentário que servirão de amostra para esta pesquisa⁵. A seguir, subdividiremos as sentenças da seguinte forma: (1) tópico e sujeito apresentam o mesmo referente; (2) tópico e sujeito apresentam referentes distintos; (3) estruturas de tópico cuja função é circunscrever o tema.

(1) tópico e sujeito apresentam o mesmo referente:

- (a) “Essa casa ela ficava praticamente na beira da praia”. (**Inquérito 0153**)
- (b) “Aqueles pescadores da Pedra de Guaratiba eles usam aqueles currais de peixe, né?” (**Inquérito 0153**)
- (c) “Uma casa daquelas naturalmente sendo uma casa singela ela não comportava mobiliário de luxo”. (**Inquérito 0153**)
- (d) “Os moradores também qualquer fumacinha eles dão logo um berro...” (**Inquérito 296**)
- (e) “O comandante do navio italiano... ele:... ele janta no salão...” (**Inquérito 296**)

(2) tópico e sujeito apresentam referentes distintos:

- (f) “Móveis, eh, ele é decorado em estilo moderno, com peças antigas também porque um dos meus fracos também é antigüidade”. (**Inquérito 0048**)⁶
- (g) “Tipos, são tipos de móveis modernos”. (**Inquérito 0048**)⁷
- (h) “Ah, o meu andar, eu, eu, eu posso, eu tenho, tenho duas entradas, eu posso entrar pela garagem”. (**Inquérito 0048**)
- (i) “A energia, eu estou rindo porque, pelo seguinte...” (**Inquérito 0153**)
- (j) “Teresópolis, eu, eu trabalhava em Teresópolis e morava num hotel”. (**Inquérito 0153**)
- (k) “Ipanema, o senhor disse que estava pensando em ter a audácia de continuar morando num apartamento...” (**Inquérito 0153**)
- (l) “Essas favelas que existiam por aqui, o senhor alguma vez chegou a ir a alguma delas?” (**Inquérito 0153**)
- (m) “metrô... eles nos levaram para ver metrô”. (**Inquérito 296**)
- (n) “o meu Carro... eu fiz um: seguro..” (**Inquérito 296**)
- (o) “Um objeto que eu havia comprado na cidade, ela gostou e quis comprar pra dar a uma prima” (**Inquérito 0273**)
- (p) “a roupa, então eu procuro mais dentro do regime clássico” (**Inquérito 0273**)

5 Não foram apresentados todos os condicionamentos em função da quantidade de dados.

6 O referente do pronome sujeito “ele” é *quarto*.

7 O referente do sujeito não expresso, dado pelo contexto, é *móveis*.

- (q) “Mas o comércio de Copacabana hoje eu acho que já perdeu um pouco, não?”
(Inquérito 0273)
- (r) “Carne também eu tenho meu fornecedor”. (Inquérito 0273)
- (s) “São Paulo eu acho que não tem condição de vida”. (Inquérito 0273)

(3) estruturas de tópico cuja função é circunscrever o tema.

- (t) “em relação ao churrasco, que eu comia sempre, tinha uma churrascaria em Curitiba, chamada de churrascaria Bambu...” (Inquérito 0104)
- (u) “Agora, sapato e bolsa também há assim uma preferência pela Varese, porque o meu pé é muito alto” (Inquérito 0273)⁸

A análise do *corpus* indica uma maior ocorrência de sentenças de tópico-comentário em que o referente do tópico e do sujeito são distintos em relação às sentenças cujo referente é o mesmo para o tópico e para o sujeito. Encontramos poucos exemplos de estruturas de tópico cuja função é circunscrever o tema, o que pode ter como justificativa o fato de serem menos frequentes na modalidade oral, mais típicas da linguagem escrita ou muito monitorada.

No que respeita ao sujeito pronominal, as sentenças de (a) a (e) confirmam a nossa hipótese inicial (1) de que a identidade entre o referente do tópico e do sujeito impede a elipse do sujeito. De (a) a (e) todos os sujeitos foram expressos por um pronome, que retoma anaforicamente o tópico.

É válido destacar que a obrigatoriedade de se apresentar um sujeito expresso nessas sentenças não está diretamente relacionada à expressão de um sujeito pronominal. É possível ocorrer, e foram encontradas em nosso *corpus*, sentenças em que o referente do tópico era retomado pelo sujeito anafórico constituído de um SN. Tais sentenças não foram explicitadas aqui porque nossa pesquisa focaliza a análise do sujeito pronominal expresso.

As sentenças de (f) a (s) também confirmaram a hipótese elaborada em (2). A sentença exibida em (g) ratifica a possibilidade de não expressão do sujeito pronominal, contudo o fato de apenas uma dentre as sentenças que constituem o subgrupo da amostra analisada apresentar esse tipo de ocorrência corrobora a tendência do PB atual de preenchimento do sujeito pronominal.

Encontramos apenas duas ocorrências do tipo (3), o que confirma a hipótese de que elas são mais formais, pouco frequentes na oralidade, ainda que possam nela ser encontradas. No que se refere ao sujeito, tanto (t) como (u) não apresentam nem sequer sujeito. Ao tópico, se segue uma oração sem sujeito em ambas as sentenças. Trata-se de estruturas de verbos impessoais (haver e ter em sentido existencial respectivamente). Esses apontamentos indicam o caráter

8 Em (u), não há locução adverbial circunscritora do tipo “quanto a, em relação a, no que refere a ...”, contudo entendemos que a sentença se enquadra nas estruturas explicitadas em (3).

mais formal dessas estruturas que conservam, ainda que exibidas na modalidade oral, traços mais típicos da modalidade escrita, nas quais o peso da tradição escolar é evidente.

Considerações finais

Esta pesquisa visou a demonstrar a relação entre a ocorrência de sujeito pronominal expresso e não expresso nas estruturas de tópico comentário por meio de amostragem.

A fim de testar as hipóteses delineadas, foram analisados cinco inquéritos extraídos do projeto NURC-RJ, compostos por diálogos entre informante e entrevistador acerca de assuntos variados. O material disponibilizado pelo projeto NURC-RJ é padronizado no que respeita às características socioeconômicas dos informantes, o que nos interessa por, em certa medida, minimizar a interferência de fatores extralinguísticos no registro a ser examinado.

Confrontadas as sentenças encontradas no *corpus* analisado com as hipóteses iniciais, constatamos a validade de nossas hipóteses. De modo geral, os trabalhos linguísticos acerca do sujeito têm apontado uma mudança em curso no PB no que diz respeito ao parâmetro do sujeito.

A análise dos dados corrobora a afirmação de Duarte de que

o português brasileiro perdeu a propriedade que caracteriza as línguas de sujeito nulo do grupo pro-drop por força do enfraquecimento da flexão, responsável pela identificação da categoria vazia sujeito em línguas que apresentam uma morfologia verbal suficientemente “rica” para tal processo, confirmando a hipótese de Roberts (1993a). Essa perda, entretanto, não se reflete no uso da língua como uma mudança concluída. O PB atual convive com um sistema agonizante, em que ainda se refletem as características pro-drop, e um sistema em desenvolvimento, em que a “riqueza funcional” perdida já não permite a identificação de pro (DUARTE, 1995, p. 142).

Pesquisas como a de Buthers e Duarte (2012), inclusive, discutem a ideia de que o PB contemporâneo seja uma língua de sujeito parcialmente nulo, em face do distanciamento dessa variante do português de outras línguas românicas *pro drop*.

Essa tendência pôde ser observada também nas sentenças de tópico-comentário. Das sentenças analisadas, a rigor, apenas uma delas apresentava sujeito não expresso, visto que, nas sentenças (t) e (u) o verbo é impessoal e, portanto, não há sujeito.

Sabemos que as estruturas de tópico-comentário, bastante frequentes no PB contemporâneo, indicam um processo de discursivização da composição sentencial de nossa língua. Assim, dado o assunto a ser posto em pauta entre os falantes, o tópico passa a figurar como o quadro de referência para esse assunto e a importância de preenchimento do sujeito com um pronome se justifica pela necessidade de demarcação do referente.

Nas sentenças de tópico-comentário em que há identidade entre o referente do sujeito e do tópico, o preenchimento do sujeito é necessário à própria manutenção da estrutura discursiva de

tópico. O pronome sujeito figura nesses casos anaforicamente, retomando o tópico e enfatizando, por meio da marca do pronome, que ele próprio é o referente da sentença SVC.

Nos casos em que sujeito e tópico apresentam referentes distintos, parece-nos que a opção pelo preenchimento do sujeito também se justifica pelo caráter discursivo de delimitação do referente, uma vez que, nessas sentenças, o preenchimento do sujeito enfatiza o fato de a proposição tratar de um referente distinto daquele que aparece como quadro de referência do discurso.

Referências bibliográficas

- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2018.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BUTHERS, Christiane Miranda; DUARTE, Fábio Bonfim. **Português brasileiro**: uma língua de sujeito nulo ou de sujeito obrigatório. *Diacrítica* (Braga), v. 26.1, p. 63-87, 2012.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. 1995. 151f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270366>>.
- NASCIMENTO, Anderson Ulisses S. **A oração sem sujeito em língua portuguesa: descrição, caracterização e uso**. 2011. 307f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.
- PONTES, Eunice Souza Lima. **O tópico no português do Brasil**. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- PONTES, Eunice. **Sujeito: da sintaxe ao discurso**. São Paulo: Ática, 1986.
- PROJETO Norma Linguística Urbana Culta – RJ. Disponível em: <http://www.nurcrj.lettras.ufrj.br/>. Acesso em: 24 ago. 2018.
- SILVA, Vera Lúcia Paredes. Tipo de oração e expressão do sujeito pronominal. *Belo Horizonte: Scripta*, v. 5, n. 9, p. 151-160, 2º sem. 2001.